

Caso Baumgarten, uma luta solitária

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Andar lento, ter-no sóbrio e a inseparável gravata borboleta, o delegado Ivan Vasques aproxima-se da sala de imprensa da Polícia Civil. Os poucos repórteres que cobrem o dia-a-dia da secretaria ficam constrangidos e alguns se retiram, têm outras reportagens para fazer. Ficam dois ou três na sala e, sonolentos, ouvem o policial contar o que conseguiu de novo para esclarecer a morte do jornalista Alexandre von Baumgarten. No dia seguinte, nem uma linha nos jornais.



Essa é a previsão que os jornalistas que vêm cobrindo o caso Baumgarten para os principais órgãos de comunicação do Brasil fazem para um futuro bem próximo: o delegado Vasques acabará perdendo a audiência. Recentemente, uma inexperiente repórter de TV perguntou-lhe quando esperava esclarecer o caso. O delegado calculou o tempo que faltava para o caso prescrever e, sem considerar seus 61 anos, respondeu: "Não tenho pressa, tenho os próximos 18 anos para investigar". O repórter de O Estado levantou-se e fez uma brincadeira: "Mas, dr. Ivan, o meu chefe de reportagem quer o resultado disso até segunda-feira".

Essa lentidão é provocada, principalmente, pelas desavenças entre o delegado Ivan Vasques e o promotor Murilo Bernardes Miguel. Vasques tem um escritório de advocacia no centro do Rio e só vai à secretaria depois de cumprir suas atividades forenses e almoçar num restaurante das proximidades. O promotor simplesmente sumiu. Depois que o delegado, em conversa informal e em off com jornalistas, o acusou de ter ficado com parte do ouro da Taça Jules Rimet, Bernardes só foi à secretaria uma vez. Não conversa mais com os jornalistas nem desmentiu as declarações do delegado, que chegaram ao público graças a um jornal ter noticiado o off e a sua informalidade. O delegado, por sinal, tratou de desmentir, em nota oficial, o que havia dito no dia anterior, sem muita clareza e consistência. Ao acusar o promotor, sem ter nenhuma prova, o delegado quebrou uma lição que aplica com

fidelidade para investigar a morte de Baumgarten. O promotor não se defendeu, mas confidenciou a amigos que, assim que o caso Baumgarten for esclarecido, vai acionar o delegado na Justiça.

Pelo andar das investigações, o promotor não vai conseguir reparar sua honra. O modelo de investigações adotado por Vasques é o da paciência. Deixa de fazer perguntas aos depoentes, alegando que estes devem dizer o que querem e que depois cabe à polícia mostrar as contradições. Quando os repórteres cobram dele determinadas dúvidas não esclarecidas com o depoente, o delegado invariavelmente reage da mesma maneira: "Você ainda não tinha nascido e eu já era investigador. Não tente me ensinar!"

O delegado Vasques, contudo dá extremo valor a outras testemunhas, consideradas absurdas. É o caso do servente Aricrôá Cândido, de 27 anos, cuja idade mental o permitiria entrar para o conjunto Menudos. Aricrôá, preso pela Polícia Federal por colar cartazes do candidato do PDS em 82, Moreira Franco, afirmou ter visto Baumgarten numa cela da Polícia Federal, no dia 20 de outubro de 1982.

Para conseguir a informação, o delegado mostrou à testemunha só uma foto, extraída de um documento do jornalista.

Mas não se pode fazer reconhecimento dessa natureza, apresentando à testemunha uma única foto. E é improvável que Baumgarten fosse deixado numa cela comum com outros presos, no dia 20 de outubro de 1982, uma semana após ter sido seqüestrado. Nesse dia, a mulher do jornalista e o barqueiro já estavam mortos. Baumgarten jamais estaria exposto, como afirmou Aricrôá. Finalmente a testemunha concordava com tudo.

Na madrugada de sexta-feira houve outro episódio parecido. O delegado viajou para Brasília e tomou o depoimento do bailarino conhecido por "Giló", que disse ter visto o general Newton Cruz sentado no banco traseiro de uma Veraneio sem placa, ao seqüestrar Baumgarten. O policial anunciou essa revelação com todo o estardalhaço.

O desânimo dos jornalistas é evidente. São fiéis à cobertura diária do caso dos grandes jornais do País. As televisões já não dedicam tanto espaço ao caso. As revistas adotaram a mesma posição. Resta saber se haverá fôlego até o caso prescrever. (Maurício Menezes)